

ARMAS, GERMES E AÇO
JARED DIAMOND

TRADUÇÃO DE

Silvia de Souza Costa

Cynthia Cortes

Paulo Soares

19ª edição



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Diamond, Jared M., 1937-
D528a Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas / Jared Diamond;
19ª ed. tradução de Silvia de Souza Costa, Cynthia Cortes e Paulo Soares. – 19ª ed. –
Rio de Janeiro: Record, 2017.

Tradução de: Guns, germs and steel
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-01-11001-5

1. Evolução social. 2. Civilização – História. 3. Etnologia. I. Título.

01-0765

CDD – 303.4
CDU – 316.423

Título original em inglês:
GUNS, GERMS AND STEEL
THE FATES OF HUMAN SOCIETIES

Copyright © 1997 by Jared Diamond

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes
deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-11001-5

Seja um leitor preferencial Record
Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002



Sumário

PRÓLOGO A pergunta de Yali 11

As diferenças regionais no curso da história

PARTE 1 Do Éden a Cajamarca 33

CAPÍTULO 1 O PONTO DE PARTIDA 35

O que aconteceu em todos os continentes antes de 11000 a.C.?

CAPÍTULO 2 UMA EXPERIÊNCIA NATURAL DE HISTÓRIA 53

Como a geografia moldou sociedades nas ilhas polinésias

CAPÍTULO 3 ENFRENTAMENTO EM CAJAMARCA 67

Por que o imperador inca Atahualpa não capturou o rei Carlos I da Espanha

PARTE 2 O surgimento e a expansão da produção de alimentos 81

CAPÍTULO 4 O PODER DOS FAZENDEIROS 83

As raízes das armas, dos germes e do aço

CAPÍTULO 5 A HISTÓRIA DOS QUE TÊM E DOS QUE NÃO TÊM 91

Diferenças geográficas no início da produção de alimentos

- CAPÍTULO 6 SER OU NÃO SER AGRICULTOR 103
Causas da expansão da produção de alimentos
- CAPÍTULO 7 COMO PRODUZIR AMÊNDOAS 113
O desenvolvimento inconsciente de velhas culturas
- CAPÍTULO 8 MAÇÃS OU ÍNDIOS 131
Por que os povos de algumas regiões não conseguem cultivar plantas?
- CAPÍTULO 9 ZEBRAS, CASAMENTOS INFELIZES E O PRINCÍPIO ANNA
KARENINA 157
Por que a maioria dos grandes mamíferos nunca foi domesticada?
- CAPÍTULO 10 VASTOS CÉUS E EIXOS INCLINADOS 177
*Por que a produção de alimentos se expandiu em velocidades diferentes nos
diversos continentes?*

PARTE 3 Do alimento às armas, aos germes e ao aço 193

- CAPÍTULO 11 O PRESENTE LETAL DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS 195
A evolução dos germes
- CAPÍTULO 12 ESQUEMAS DETALHADOS E LETRAS EMPRESTADAS 215
A evolução da escrita
- CAPÍTULO 13 A MÃE DA NECESSIDADE 239
A evolução da tecnologia
- CAPÍTULO 14 DO IGUALITARISMO À CLEPTOCRACIA 265
A evolução do governo e da religião

PARTE 4 A volta ao mundo em cinco capítulos 295

- CAPÍTULO 15 O POVO DE YALI 297
As histórias da Austrália e da Nova Guiné
- CAPÍTULO 16 COMO A CHINA TORNOU-SE CHINESA 323
A história do leste da Ásia

CAPÍTULO 17 UMA LANCHA PARA A POLINÉSIA 335

A história da expansão da Austronésia

CAPÍTULO 18 A COLISÃO DOS HEMISFÉRIOS 355

As histórias comparadas da Eurásia e das Américas

CAPÍTULO 19 COMO A ÁFRICA TORNOU-SE NEGRA 377

A história da África

**EPÍLOGO O futuro da história humana como uma
ciência 403**

**POSFÁCIO, 2017 Países pobres e ricos à luz de *Armas,
germes e aço* 427**

Agradecimentos 440

Leituras complementares 441

Índice 451

PRÓLOGO

A PERGUNTA DE YALI

TODOS NÓS SABEMOS QUE A HISTÓRIA AVANÇOU DE MODO MUITO diferente para os povos de cada parte do globo. Nos 13.000 anos que se passaram desde o fim da última Era Glacial, algumas partes do mundo desenvolveram sociedades industriais e letradas, que usavam utensílios de metal, enquanto outras produziram apenas sociedades agrícolas analfabetas e ainda outras se mantiveram caçadoras-coletoras de alimentos, usando artefatos feitos com pedras. Essas desigualdades projetaram grandes sombras sobre o mundo moderno, uma vez que as sociedades letradas que possuíam utensílios de metal conquistaram ou exterminaram as outras sociedades. Embora essas diferenças representem os fatos mais elementares da história mundial, suas causas continuam incertas e controversas. Essa intrigante questão me foi apresentada alguns anos atrás, de maneira simples e pessoal.

Em julho de 1972, eu estava caminhando por uma praia na ilha tropical de Nova Guiné, onde estudava a evolução dos pássaros, na condição de biólogo. Já tinha ouvido falar de um notável político local chamado Yali, que estava visitando o distrito naquele momento. Por acaso, Yali e eu caminhávamos na mesma direção naquele dia e ele me alcançou. Andamos juntos por uma hora, conversando durante todo o tempo.

Yali irradiava carisma e energia. Seus olhos brilhavam de modo hipnotizador. Ele falava de maneira confiante sobre si mesmo, mas também fazia várias perguntas e ouvia atentamente as respostas. Nossa conversa começou com um assunto que

estava na mente de todos os cidadãos da Nova Guiné — o ritmo acelerado dos acontecimentos políticos. Papua Nova Guiné, como o país de Yali é conhecido agora, era, naquela época, administrado pela Austrália sob mandato das Nações Unidas, mas a independência estava no ar. Yali explicou-me sua atuação, no sentido de conseguir nativos para formar um governo local.

Depois de algum tempo, Yali mudou o rumo da conversa e passou a me interrogar. Ele nunca havia saído da Nova Guiné e estudara até a escola secundária, mas sua curiosidade era insaciável. Primeiro, perguntou a respeito de meu trabalho sobre os pássaros de seu país e, inclusive, quanto eu ganhava. Expliquei como os diferentes grupos de pássaros colonizaram a Nova Guiné ao longo de milhões de anos. Ele quis saber então como os antepassados de seu próprio povo chegaram àquela região, ao longo de milhares de anos, e como os europeus brancos a colonizaram nos últimos 200 anos.

A conversa prosseguiu amistosamente, embora a tensão entre as duas sociedades, a representada por Yali e a minha, fosse conhecida por nós dois. Dois séculos atrás, todos os cidadãos da Nova Guiné ainda “viviam na Idade da Pedra”. Isto é, ainda usavam utensílios feitos com pedras, semelhantes aos que foram substituídos na Europa pelos de metal milhares de anos atrás, e viviam em vilarejos, sem qualquer autoridade política centralizada. Os brancos chegaram, impuseram um governo central e levaram para a região diversos objetos cujo valor foi instantaneamente reconhecido pelos moradores locais, como machados de aço, fósforos, remédios, roupas, bebidas e guarda-chuvas. Na Nova Guiné, todos esses bens eram conhecidos pelo coletivo de “cargos”.

Muitos colonizadores brancos desdenhavam abertamente os habitantes locais, que consideravam “primitivos”. Até o menos capaz dos “mestres” brancos, como ainda eram chamados em 1972, tinha um padrão de vida bem melhor que o dos nativos, superior inclusive ao de políticos carismáticos como Yali. Mas Yali já havia feito perguntas a muitos homens brancos, como fazia agora para mim, e eu também já tinha conversado com vários nativos. Nós dois sabíamos perfeitamente bem que os cidadãos da Nova Guiné são, em geral, tão espertos quanto os europeus. Todas essas coisas deviam passar pela cabeça de Yali quando, com um olhar penetrante lançado por seus olhos brilhantes, indagou: “Por que vocês, brancos, produziram tanto ‘cargos’ e trouxeram tudo para a Nova Guiné, mas nós, negros, produzimos tão pouco ‘cargos’?”

Era uma pergunta simples que ia ao fundo da questão como ele a sentia. Sim, existe uma grande diferença entre o estilo de vida do cidadão médio da Nova Guiné e o do europeu ou norte-americano médio. Diferenças do mesmo tipo

também separavam os estilos de vida de outros povos em todo o mundo. Essas imensas disparidades devem ter causas poderosas, que alguém pode pensar que seriam óbvias.

Mas a pergunta aparentemente simples de Yali é difícil de ser respondida. Eu não tinha uma resposta naquela ocasião. Os historiadores profissionais ainda divergem sobre a resposta; a maioria nem mesmo faz mais essa pergunta. Nos anos que se passaram desde que tivemos essa conversa, estudei e escrevi sobre outros aspectos da evolução humana, sua história e sua língua. Este livro, escrito mais de 25 anos depois, é uma tentativa de responder à pergunta de Yali.

EMBORA A PERGUNTA DE YALI estivesse diretamente ligada ao contraste entre os estilos de vida adotados na Nova Guiné e pelos brancos europeus, ela pode ser estendida a um conjunto mais amplo de contrastes no mundo moderno. Povos de origem eurásiana, especialmente aqueles que ainda vivem na Europa e no leste da Ásia, assim como os levados para a América do Norte, dominam o mundo em termos de riqueza e poder. Outros povos, incluindo a maioria dos africanos, puseram fim à dominação colonial europeia, mas continuam muito atrás em matéria de riqueza e poder. Existem ainda povos, como os aborígenes da Austrália, os nativos das Américas e a maior parte dos habitantes do sul da África, que não são mais nem senhores de suas próprias terras, pois foram dizimados, subjugados e, em alguns casos, exterminados pelos colonizadores europeus.

Assim, perguntas sobre a desigualdade no mundo moderno podem ser reformuladas da seguinte maneira: por que a riqueza e o poder foram distribuídos dessa forma e não de qualquer outra? Por exemplo, por que os índios americanos, os africanos e os aborígenes australianos não dizimaram, subjugaram ou exterminaram os europeus e asiáticos?

Podemos facilmente dar um passo atrás. No ano de 1500, quando a expansão colonial europeia por todo o mundo estava se iniciando, povos de diferentes continentes já apresentavam grandes diferenças em matéria de tecnologia e organização política. Em boa parte da Europa, da Ásia e do norte da África havia Estados ou impérios que dominavam o metal, alguns deles no limiar da industrialização. Dois povos nativos das Américas, os astecas e os incas, dominavam impérios com armas e utensílios de pedras. Partes da África subsaariana foram divididas em pequenos Estados ou reinos com armas de ferro. A maioria dos outros povos — incluindo os da Austrália e da Nova Guiné, de muitas ilhas do Pacífico, de boa parte das Américas e de pequenas partes da África subsaariana

— vivia como tribos de agricultores ou mesmo como bandos caçadores-coletores, usando utensílios e armas feitos de pedras.

Naturalmente, essas diferenças tecnológicas e políticas existentes em 1500 foram as causas imediatas das desigualdades do mundo moderno. Os impérios que possuíam armas de aço tinham condições de conquistar ou exterminar tribos com armas de pedra ou madeira. Como, então, o mundo chegou ao estágio em que se encontrava em 1500?

Mais uma vez, podemos recuar facilmente, recorrendo às histórias escritas e às descobertas arqueológicas. Até o fim da última Era Glacial, cerca de 11.000 anos antes de Cristo, todos os povos de todos os continentes eram caçadores-coletores de alimentos. Entre 11000 a.C. e 1500 d.C., diferentes ritmos de desenvolvimento nos vários continentes resultaram nas desigualdades tecnológicas e políticas existentes em 1500. Enquanto os aborígenes australianos e muitos nativos americanos continuavam caçadores-coletores, a maior parte da Eurásia e boa parte das Américas e da África subsaariana desenvolveram gradualmente a agricultura, a criação de gado, a metalurgia e organizações políticas complexas. Partes da Eurásia e uma área das Américas também avançaram na escrita. Contudo, cada uma dessas novidades aparecia mais cedo na Eurásia do que em qualquer outra região. Por exemplo, a produção em massa de utensílios de bronze, que começava nos Andes sul-americanos nos séculos que antecederam 1500, já estava consolidada em partes da Eurásia mais de 4.000 anos antes. A tecnologia da pedra dos tasmanianos, que tiveram seu primeiro contato com os exploradores europeus em 1642, era mais simples que a do Paleolítico Superior na Europa dezenas de milhares de anos antes.

Assim, podemos finalmente reformular a pergunta sobre as desigualdades do mundo moderno da seguinte maneira: por que o desenvolvimento humano avançou em ritmos desiguais nos diferentes continentes? Esses ritmos disparatados constituem o padrão mais abrangente da história e o tema do meu livro.

Embora este livro trate, em última análise, de história e pré-história, o seu assunto não é de interesse apenas acadêmico, mas de imensa importância prática e política. Foi a história das interações entre povos distintos que deu forma ao mundo moderno, por meio de conquistas, epidemias e genocídios. Esses enfrentamentos produziram consequências que ainda não desapareceram depois de muitos séculos, e que continuam ativas em algumas das mais problemáticas áreas do mundo atual.

Boa parte da África, por exemplo, ainda luta com o legado do colonialismo recente. Em outras regiões — entre elas a maior parte da América Central,

México, Peru, Nova Caledônia, a ex-União Soviética e partes da Indonésia —, rebeliões civis ou guerras de guerrilha fazem populações nativas ainda numerosas enfrentar governos dominados por descendentes dos conquistadores. Muitos povos autóctones — como os nativos do Havaí, os aborígenes australianos, os siberianos, e os índios dos Estados Unidos, Canadá, Brasil, Argentina e Chile — foram tão dizimados por genocídios e doenças que acabaram superados em quantidade pelos descendentes dos invasores. Embora sejam incapazes de produzir uma guerra civil, eles exigem e defendem cada vez mais os seus direitos.

Além das atuais consequências políticas e econômicas de enfrentamentos ocorridos no passado entre os povos, existe o fator linguístico — especialmente o iminente desaparecimento da maioria das 6.000 línguas remanescentes do mundo moderno, que estão sendo substituídas por inglês, chinês, russo e alguns outros idiomas cujo número de usuários cresceu enormemente nos últimos séculos. Todos esses problemas do mundo moderno resultam de diferentes trajetórias históricas implícitas na pergunta de Yali.

ANTES DE PROCURAR RESPONDÊ-LA, deveríamos fazer uma pausa para considerar certas objeções a essa discussão. Algumas pessoas se ofendem pelo simples fato de a questão ser apresentada, por vários motivos.

Uma objeção é a seguinte: se conseguimos explicar como um povo pode dominar outro, isso não parece uma justificativa para a dominação? Não daria a impressão de que o desfecho era inevitável e que, portanto, seria inútil tentar mudar o resultado? Esta objeção baseia-se na tendência comum de confundir uma explicação das causas com a justificativa ou aceitação dos resultados. O uso que alguém faz de uma explicação histórica é diferente da explicação em si. A compreensão é mais frequentemente usada para tentar alterar o resultado do que para repeti-lo ou perpetuá-lo. É por isso que os psicólogos tentam entender as mentes de assassinos e estupradores, historiadores sociais tentam entender os genocídios e médicos tentam entender as causas das doenças humanas. Eles não pretendem justificar o assassinato, o estupro, o genocídio ou a doença. Ao contrário, tentam usar a compreensão de uma cadeia de causas para interrompê-la.

Em segundo lugar, responder automaticamente à pergunta de Yali não significa adotar uma perspectiva eurocêntrica da história, uma glorificação dos europeus ocidentais e uma obsessão pela proeminência da Europa ocidental e da América europeizada no mundo moderno? Essa importância não é um fenômeno efêmero dos últimos séculos, atualmente reduzida pelo crescimento do Japão e do sudeste

Asiático? Na realidade, a maior parte deste livro vai tratar de povos não europeus. Mais do que focar apenas as interações entre europeus e não europeus, pretendemos examinar as interações entre diferentes povos não europeus — especialmente aquelas que ocorreram entre os povos nativos da África subsaariana, do sudeste da Ásia, da Indonésia e da Nova Guiné. Longe de glorificar os povos de origem europeia ocidental, pretendemos ver que os elementos básicos de sua civilização foram desenvolvidos por outros povos, que vivem em outros lugares, e que foram importados pela Europa ocidental.

Em terceiro lugar, palavras como “civilização” e expressões como “ascensão da civilização” podem dar a falsa impressão de que a civilização é algo bom, enquanto as tribos de caçadores-coletores de alimentos permanecem miseráveis — e que a história dos últimos 13.000 anos apresentou progressos no sentido de uma maior felicidade humana. De fato, não presumo que os Estados industrializados sejam “melhores” do que as sociedades de caçadores-coletores, ou que a troca desse estilo de vida por uma civilização baseada no ferro represente “progresso” ou, ainda, que tenha resultado num aumento da felicidade humana. Minha impressão, após ter dividido minha vida entre cidades dos Estados Unidos e vilarejos da Nova Guiné, é que os chamados benefícios da civilização são ambíguos. Por exemplo, em comparação com os caçadores-coletores, os cidadãos dos modernos Estados industrializados desfrutam de melhor atendimento médico, correm menor risco de morte por homicídio e têm uma expectativa de vida maior, mas também recebem menos apoio de seus amigos e de suas famílias. Meu motivo para investigar essas diferenças geográficas nas sociedades humanas não é celebrar um tipo de sociedade em detrimento de outra, mas, simplesmente, tentar entender o que aconteceu.

SERÁ QUE A PERGUNTA DE YALI precisa de um outro livro para ser respondida? Será que ainda não sabemos a resposta? E se sabemos, qual é ela?

Provavelmente, a explicação mais comum envolve implícita ou explicitamente a existência de diferenças biológicas entre os povos. Nos séculos após 1500, à medida que os exploradores europeus perceberam as enormes diferenças entre os povos do mundo em matéria de tecnologia e organização política, eles chegaram à conclusão de que isso se devia a diferenças em habilidades inatas. Com o surgimento da teoria de Darwin, as explicações foram reformuladas, passando a envolver seleção natural e descendência evolutiva. Povos tecnologicamente primitivos foram considerados remanescentes evolucionários de

descendentes humanos dos primeiros ancestrais da espécie. O deslocamento desses povos pelos colonizadores das sociedades industriais comprova a lei da sobrevivência dos mais fortes. Com a posterior evolução da genética, as explicações foram novamente reformuladas. Os europeus passaram a ser considerados geneticamente mais inteligentes do que os africanos e, especialmente, do que os aborígenes australianos.

Atualmente, segmentos da sociedade ocidental repudiam o racismo. Mas ainda muitos (talvez a maioria) dos ocidentais continuam a aceitar, reservada ou subconscientemente, explicações racistas. No Japão e em muitos outros países, essas teorias ainda são publicamente assumidas. Até mesmo brancos americanos, europeus e australianos instruídos admitem que há algo de primitivo quando se fala em aborígenes australianos. Sua aparência certamente é diferente da dos brancos. Muitos dos descendentes desses aborígenes que sobreviveram à colonização europeia estão encontrando agora dificuldades para ter sucesso econômico na sociedade branca da Austrália.

Uma argumentação semelhante é usada no caso dos imigrantes brancos que foram para a Austrália e construíram um Estado democrático, alfabetizado, industrializado, com comando político central, baseado em utensílios de metal e na produção de alimentos. Tudo isso em um século de colonização de um continente onde os aborígenes tinham vivido como tribos caçadoras-coletoras, sem usar metais, por pelo menos 40.000 anos. Aqui estão duas experiências de desenvolvimento humano em que o ambiente era idêntico, e a única variável era o povo. Que outra prova poderia ser necessária para demonstrar que as diferenças entre os aborígenes australianos e as sociedades europeias derivam das diferenças entre os próprios povos?

A objeção a estas explicações racistas não se limita ao fato de que elas são repugnantes, mas envolve também a constatação de que estão erradas. Faltam provas seguras da existência de diferenças na inteligência humana que resultem em diferenças tecnológicas. Na realidade, como explicarei a seguir, povos modernos da “Idade da Pedra” são, de modo geral, provavelmente mais inteligentes, e não menos, que os industrializados. Por mais paradoxal que possa parecer, veremos no Capítulo 15 que os imigrantes brancos da Austrália não merecem o crédito que habitualmente lhes é atribuído pela construção de uma sociedade alfabetizada e industrial, com as virtudes mencionadas anteriormente. Além disso, os povos que até pouco tempo atrás eram tecnologicamente primitivos — como os aborígenes da Austrália e os nativos da Nova Guiné — costumam dominar as tecnologias industriais quando têm oportunidade de fazê-lo.

Especialistas em psicologia cognitiva fizeram intensas pesquisas em busca de diferenças de QI entre povos de diferentes origens geográficas que agora vivem no mesmo país. Um grande número desses profissionais — brancos, norte-americanos — tentou durante muitas décadas demonstrar que seus conterrâneos negros de origem africana são menos inteligentes que os brancos norte-americanos de origem europeia. Como é sabido, contudo, a comparação foi feita entre pessoas com grandes diferenças em seu ambiente social e em suas oportunidades educacionais. Este fato cria dificuldades duplas para as tentativas de testar a hipótese de que as diferenças intelectuais podem explicar as diferenças tecnológicas. Primeiro, porque mesmo nossa capacidade cognitiva como adultos é fortemente influenciada pelo ambiente social em que vivemos durante a infância, o que torna difícil distinguir influências genéticas preexistentes. Segundo, porque testes de capacidade cognitiva (como os testes de QI) tendem a medir o aprendizado cultural e não apenas a inteligência inata, o que quer que ela signifique. Devido aos indiscutíveis efeitos do ambiente da infância e do conhecimento adquirido sobre os resultados dos testes, os esforços dos psicólogos não conseguiram estabelecer, de modo convincente, a suposta deficiência genética nos QIs dos povos não brancos.

Minha perspectiva nessa controvérsia baseia-se em 33 anos de trabalho com os habitantes da Nova Guiné, em suas sociedades ainda intactas. Desde o início desse meu trabalho, eles me impressionaram por serem, em geral, mais inteligentes, mais atentos, mais expressivos e mais interessados nas coisas e nas pessoas em torno deles do que um europeu ou um norte-americano médio. Para algumas funções que se pode razoavelmente supor que refletem aspectos do funcionamento do cérebro, como a capacidade de formar um mapa mental de localidades que lhes são pouco familiares, eles parecem consideravelmente mais competentes que os ocidentais. Naturalmente, os nativos tendem a mostrar um fraco desempenho em tarefas para as quais os ocidentais foram bem treinados desde a infância e eles não. Por isso, quando pessoas que vivem em vilarejos remotos da Nova Guiné e pouco frequentaram escolas chegam às cidades, elas parecem meio estúpidas para os ocidentais. Por outro lado, constantemente percebo como eu pareço estúpido aos olhos de meus anfitriões quando estou com eles na floresta, deixando evidente minha incompetência em tarefas simples (como seguir uma trilha ou construir um abrigo), nas quais eles são treinados desde crianças e eu não.

É fácil encontrar dois motivos para comprovar minha impressão de que os nativos da Nova Guiné são mais inteligentes que os ocidentais. Primeiro, os europeus têm vivido por milhares de anos em sociedades densamente povoadas, com governos centrais, polícia e sistema judiciário. Nessas sociedades, doenças

epidêmicas infecciosas (como a varíola) estavam entre as mais importantes causas de mortes, enquanto os assassinatos eram relativamente pouco comuns e o estado de guerra era a exceção e não a regra. A maioria dos europeus que sobreviveram a algumas doenças fatais também escapou de outras causas potenciais de morte e conseguiu passar adiante seus genes. Hoje, a maior parte das crianças ocidentais sobrevive às infecções fatais e se reproduz, independentemente de sua inteligência e dos genes que carrega. Por outro lado, os nativos da Nova Guiné têm vivido em sociedades nas quais a quantidade de pessoas é pequena demais para permitir o desenvolvimento de doenças epidêmicas comuns às populações mais densas. Em vez disso, eles registram um alto índice de mortalidade decorrente de assassinatos, guerras tribais crônicas, acidentes e carência de alimentos.

Pessoas inteligentes têm mais probabilidade que as menos inteligentes de escapar dessas causas de alta mortalidade das sociedades tradicionais da Nova Guiné. Entretanto, a mortalidade causada por doenças epidêmicas em sociedades tradicionais europeias pouco tem a ver com inteligência, pois envolve resistência genética, que depende de detalhes da química do corpo. Por exemplo, pessoas com sangue dos grupos B e O têm mais resistência à varíola do que as do grupo A. Isto é, a seleção natural, ao promover genes da inteligência, foi provavelmente bem mais implacável na Nova Guiné do que em áreas mais densamente povoadas e sociedades politicamente complexas, onde a seleção natural, no que diz respeito à química do corpo, foi mais rigorosa.

Além desta razão genética, há um segundo motivo pelo qual os nativos da Nova Guiné podem ter se tornado mais inteligentes que os ocidentais. As crianças europeias e norte-americanas de hoje gastam boa parte de seu tempo passivamente entretidas pela televisão, pelo rádio e pelo cinema. Em um lar médio norte-americano, a televisão fica ligada diariamente durante sete horas. Por outro lado, as crianças da Nova Guiné não têm essa oportunidade e fazem alguma atividade durante quase todas as horas em que permanecem acordadas, seja conversando ou brincando com outras crianças ou com adultos. Quase todos os estudos sobre o desenvolvimento das crianças enfatizam o papel do estímulo infantil e da atividade para o desenvolvimento mental, além de destacarem os prejuízos mentais irreversíveis associados à ausência de estímulos. Esse efeito naturalmente contribui com um componente não genético para a função mental em média superior apresentada pelos nativos.

Isso significa que, provavelmente, a capacidade mental do povo da Nova Guiné é geneticamente superior à dos ocidentais, e eles são certamente superiores em sua capacidade de escapar das devastadoras desvantagens do desenvolvimento, sob as

quais a maioria das crianças das sociedades industrializadas cresce hoje em dia. Não se trata de insinuar alguma desvantagem intelectual dos nativos que pudesse servir de resposta à pergunta de Yali. Os mesmos dois fatores — a genética e o desenvolvimento infantil —, servem para distinguir não apenas os nativos da Nova Guiné dos ocidentais, mas também os caçadores-coletores e outros integrantes de sociedades tecnologicamente primitivas de integrantes de sociedades tecnologicamente avançadas. Portanto, o habitual pressuposto racista tem que ser virado de cabeça para baixo. Por que os europeus, apesar de sua provável desvantagem genética, acabaram com muito mais “carga”? Por que os nativos permaneceram tecnologicamente primitivos, embora eu ache que têm inteligência superior?

UMA EXPLICAÇÃO GENÉTICA não é a única resposta possível para a pergunta de Yali. Uma outra, bastante popular entre os habitantes do norte da Europa, invoca o suposto efeito estimulante de seu clima frio, em contraste com o clima tropical, quente e úmido, sobre a criatividade e a energia humanas. Talvez a variação sazonal do clima nas altas latitudes apresente desafios mais variados do que o constante clima tropical. Talvez os climas frios exijam mais inventividade tecnológica para garantir a sobrevivência, porque a pessoa precisa construir uma casa quente e produzir roupas quentes para se abrigar, enquanto a que vive nos trópicos consegue sobreviver com casas mais simples e com poucas roupas. O raciocínio pode também ser invertido para que se chegue à mesma conclusão: os longos invernos nas altas latitudes deixam as pessoas com mais tempo para permanecer dentro de casa e criar.

Embora já tenha sido popular, esse tipo de explicação não resiste a um exame criterioso. Como poderemos ver, os povos do norte da Europa não deram nenhuma contribuição fundamental para a civilização eurásiana até os últimos mil anos; eles simplesmente tiveram a sorte de viver em uma localização geográfica onde podiam se beneficiar dos conhecimentos (como a agricultura, a roda, a escrita e a metalurgia) desenvolvidos em partes menos frias da Eurásia. No Novo Mundo, as regiões frias de altas latitudes eram ainda mais sossegadas. As únicas sociedades de nativos americanos a desenvolver a escrita foram as do México, ao sul do trópico de Câncer; a mais antiga cerâmica do Novo Mundo surgiu em uma região próxima do Equador, na tropical América do Sul; e a sociedade geralmente considerada a mais avançada do Novo Mundo, em termos de arte, astronomia e outros aspectos foi a maia, localizada em Yucatán e na Guatemala, no primeiro milênio.

Há ainda um terceiro tipo de resposta para Yali, que invoca a suposta importância dos vales junto aos rios em climas secos, onde uma agricultura altamente produtiva dependia de sistemas de irrigação de larga escala, que por sua vez exigiam burocracias centralizadas. Essa explicação foi sugerida pelo fato indiscutível de que os primeiros impérios conhecidos e sistemas de escrita surgiram nos vales do Tigre e do Eufrates, no Crescente Fértil, e na região do Nilo, no Egito. Os sistemas de controle de água também aparecem associados a organizações políticas centralizadas em algumas áreas do mundo, inclusive o vale do Indo, do subcontinente indiano; os vales Amarelo e Yang-tsé, da China; as planícies habitadas pelos maias na América Central; e o deserto litorâneo do Peru.

Estudos arqueológicos detalhados mostraram, contudo, que os complexos sistemas de irrigação não *acompanharam* o surgimento de burocracias centralizadas, mas surgiram *após* um período considerável. Isto é, a centralização política foi decorrência de alguma outra causa e, então, permitiu a construção de complexos sistemas de irrigação. Nenhum dos acontecimentos decisivos que antecederam a centralização política nessas partes do mundo esteve associado a vales com rios ou a complexos sistemas de irrigação. A produção de alimentos e a vida em vilarejos no Crescente Fértil, por exemplo, tiveram origem nas montanhas, não nos vales. A região do rio Nilo permaneceu sem manifestações culturais por aproximadamente 3.000 anos, depois de iniciada a produção de alimentos nos vilarejos das montanhas do Crescente Fértil. Os vales do sudoeste dos Estados Unidos acabaram tendo agricultura irrigada e sociedades complexas, mas somente depois de importar do México a maior parte desses conhecimentos. Os vales do sudeste da Austrália, por sua vez, permaneceram ocupados por sociedades tribais sem agricultura.

Há ainda um outro tipo de explicação dos fatores imediatos que permitiram aos europeus matar ou conquistar outros povos — com suas armas, as doenças infecciosas, os utensílios de aço e os produtos manufaturados. Essa explicação segue o caminho certo, na medida em que esses fatores foram diretamente responsáveis pelas conquistas europeias. No entanto, esta hipótese é incompleta, porque ainda oferece apenas uma explicação aproximada que identifica as causas imediatas. Ela convida a buscar as causas originais: por que eram os europeus, e não os africanos ou os nativos americanos, que detinham as armas, os germes mais repulsivos e o aço?

Embora tenham sido obtidos alguns progressos na identificação das causas originais da conquista europeia do Novo Mundo, a África permaneceu um grande enigma. Foi lá que os proto-humanos evoluíram durante mais tempo,

onde surgiram os humanos modernos e onde doenças nativas, como a malária e a febre amarela, mataram os exploradores europeus. Se o tempo conta para alguma coisa, por que as armas e o aço não surgiram primeiro na África, permitindo que seus povos e seus germes conquistassem a Europa? E o que determinou o fracasso dos aborígenes australianos em superar o estágio de caçadores-coletores com utensílios de pedra?

Essas perguntas que surgem da comparação das sociedades humanas em todo o mundo já atraíram muita atenção de historiadores e geógrafos. O mais conhecido exemplo desses esforços foi o *Estudo da história*, de Arnold Toynbee, em 12 volumes. Ele estava especificamente interessado na dinâmica interna de 23 civilizações avançadas, das quais 22 eram alfabetizadas e 19 eram eurásianas. Estava menos preocupado com a pré-história e as sociedades mais simples e analfabetas. Mas as raízes das desigualdades no mundo moderno encontram-se lá atrás, na pré-história. Portanto, Toynbee não formulou a pergunta de Yali, nem chegou à compreensão do que considero um padrão mais amplo da história. Outros livros disponíveis sobre história mundial tendem, da mesma forma, a focalizar apenas as civilizações adiantadas e alfabetizadas da Eurásia dos últimos 5.000 anos. Eles mencionam muito superficialmente as civilizações pré-colombianas dos nativos americanos e tratam ainda mais resumidamente do resto do mundo, exceto por suas interações recentes com civilizações eurásianas. Desde a tentativa de Toynbee, as sínteses das causas históricas em todo o mundo caíram em desgraça entre a maioria dos historiadores, por apresentar um problema aparentemente intratável.

Especialistas de várias disciplinas forneceram sínteses globais de seus assuntos. Contribuições muito proveitosas foram fornecidas por geógrafos ecologistas, antropólogos culturais, biólogos que se dedicaram ao estudo de plantas e da domesticação de animais, assim como estudiosos preocupados com o impacto das doenças infecciosas na história. Esses estudos chamaram a atenção para partes do enigma, mas forneceram apenas fatias da necessária síntese mais ampla que estava faltando.

Assim, não há uma resposta amplamente aceita para a pergunta de Yali. As explicações mais próximas são claras: alguns povos desenvolveram armas, germes e aço, além de outros fatores que lhes conferiram poder político e econômico antes de outros; e alguns povos simplesmente nunca obtiveram esses fatores de poder. Por outro lado, as explicações definitivas — por exemplo, por que os utensílios de bronze apareceram cedo em partes da Eurásia e tarde ou apenas em alguns locais do Novo Mundo, e nunca para os aborígenes australianos — permanecem pouco claras.

A falta de explicações definitivas deixa uma imensa lacuna intelectual, já que um padrão mais amplo da história permanece inexplicado. Muito mais grave, contudo, é a lacuna moral a ser preenchida. É perfeitamente óbvio para qualquer um, racista ou não, que os diferentes povos percorreram de forma diferente a história. Os Estados Unidos de hoje são uma sociedade moldada pelo padrão europeu, ocupando terras conquistadas dos nativos americanos e incorporando os descendentes de milhões de negros africanos da região subsaariana, levados para a América como escravos. A Europa moderna não é uma sociedade moldada por negros africanos que levaram milhões de nativos americanos como escravos.

Esses resultados são completamente desequilibrados: não se trata de dizer que 51% das Américas, da Austrália e da África foram conquistadas por europeus, enquanto 49% do território europeu foi conquistado por nativos americanos, aborígenes australianos ou africanos. O mundo moderno, como um todo, é constituído de soluções desequilibradas. Portanto, é preciso ter explicações inexoráveis, mais consistentes do que meros detalhes em relação a quem venceu uma batalha ou desenvolveu algum invento em determinada ocasião, alguns milhares de anos atrás.

Parece lógico supor que os padrões da história refletem as diferenças inatas entre os povos. Naturalmente, aprendemos que não é delicado dizer isso em público. Lemos a respeito de estudos técnicos que pretendem demonstrar diferenças inatas, assim como lemos que esses estudos contêm falhas técnicas. Vemos também em nossas vidas cotidianas que alguns povos conquistados continuam a formar uma subclasse séculos depois das conquistas ou das importações de escravos. Fomos informados de que isso também não deve ser atribuído a qualquer defeito biológico, mas a desvantagens sociais ou oportunidades limitadas.

Ainda assim, temos que pensar. Continuamos vendo todas essas indiscutíveis e persistentes diferenças na situação dos povos. Garantem-nos que a explicação biológica para as desigualdades do mundo em 1500 é errada, mas não nos dizem qual é a explicação correta. Até que tenhamos uma versão convincente, detalhada, dentro de uma visão mais ampla da história, a maioria das pessoas vai continuar suspeitando de que a tese racista é a mais correta. E isso me parece o principal motivo para escrever este livro.

OS JORNALISTAS FREQUENTEMENTE PEDEM aos autores para resumirem um livro volumoso em uma frase. Para este livro, aqui está a frase: “A história seguiu diferentes rumos para os diferentes povos devido às diferenças entre os ambientes em que viviam e não devido a diferenças biológicas entre os povos.”

Naturalmente, o conceito de que o meio ambiente geográfico e a biogeografia influenciaram o desenvolvimento social é antigo. Hoje em dia, entretanto, essa opinião não é bem-vista pelos historiadores. É considerada errada ou simplista, ou é classificada de determinismo ambientalista e rejeitada — ou, ainda, toda essa questão de tentar compreender as diferenças do mundo é evitada por ser muito difícil. A geografia, obviamente, teve *algum* efeito na história. A questão que permanece aberta é sobre a extensão desse efeito e se a geografia pode ser responsável por um padrão mais amplo de história.

Esta é uma boa época para rever essas questões, em função das novas informações proporcionadas pela ciência, graças a disciplinas como genética, biologia molecular e biogeografia aplicadas às colheitas atuais e suas ancestrais silvestres; as mesmas disciplinas mais a ecologia comportamental, aplicadas a animais domésticos e seus antepassados selvagens; a biologia molecular dos germes humanos e de animais; a epidemiologia das doenças humanas; a genética humana; a linguística; os estudos arqueológicos sobre todos os continentes e as principais ilhas; e estudos sobre a história da tecnologia, da escrita e da organização política.

Essa variedade de disciplinas cria problemas para os candidatos a autor de um livro que pretenda responder à pergunta de Yali. O autor precisa ter uma ampla gama de conhecimentos sobre as disciplinas mencionadas, de modo a sintetizar os avanços importantes. A história e a pré-história de cada continente devem ser sintetizadas de forma semelhante. O assunto deste livro é história, mas com uma abordagem científica — em particular, de ciências históricas como a biologia da evolução e a geologia. O autor deve ser capaz de entender experiências de uma ampla gama de sociedades humanas, desde as sociedades de caçadores-coletores de alimentos até as civilizações atuais da era espacial.

Essas exigências parecem inicialmente requerer um trabalho multiautoral. Mas essa possibilidade está condenada desde o início, porque a essência do problema é desenvolver uma síntese única. Portanto, seria necessário apenas um autor, apesar de todas as dificuldades que a tarefa apresenta. Inevitavelmente, esse único autor terá que suar muito para assimilar material de muitas disciplinas, e vai precisar de orientação de muitos colegas.

Minha experiência levou-me a várias dessas disciplinas, mesmo antes de Yali me fazer a pergunta, em 1972. Minha mãe é professora e linguista; meu pai, médico especializado em genética de doenças infantis. Devido ao exemplo de meu pai, fui para a escola pensando em ser médico. Mas tornei-me um fanático

observador de pássaros quando tinha sete anos. Portanto, foi um passo natural, no início de meus estudos universitários, mudar da medicina para a pesquisa biológica. Ao longo de meus anos na escola, entretanto, aprendi principalmente línguas, história e redação. Mesmo depois de decidir fazer meu doutorado em fisiologia, quase abandonei a ciência para me tornar linguista.

Desde que completei meu doutorado em 1961, dividi minha pesquisa científica em dois campos: fisiologia molecular de um lado e biologia da evolução e biogeografia de outro. Como uma contribuição a mais para o objetivo deste livro, a biologia da evolução é uma ciência historicamente forçada a usar métodos diferentes das ciências laboratoriais. Essa experiência tornou familiares para mim as dificuldades de trabalhar a história humana com uma perspectiva científica. Vivendo na Europa de 1958 a 1962, entre amigos europeus cujas vidas haviam sido brutalmente traumatizadas pela história do Velho Continente no século XX, comecei a pensar mais seriamente sobre como cadeias de causas agem no desdobramento da história.

Nos últimos 33 anos, meu trabalho de campo como biólogo da evolução me fez entrar em contato com uma ampla gama de sociedades humanas. Minha especialidade é a evolução dos pássaros — que estudei na América do Sul, no sul da África, na Indonésia, na Austrália e especialmente na Nova Guiné. Convivendo com os nativos dessas regiões, familiarizei-me com muitas sociedades tecnologicamente primitivas, desde aquelas de caçadores-coletores de alimentos até tribos dedicadas à agricultura e povos pescadores, que dependiam até recentemente de utensílios de pedra. Portanto, o que a maioria das pessoas educadas consideraria estranhos estilos de vida é parte integrante da minha vida. A Nova Guiné, embora possua apenas uma pequena fração de terra, abriga uma desproporcional diversidade humana. Das 6.000 línguas modernas, 1.000 são encontradas lá. Durante meu trabalho com os pássaros da Nova Guiné, meu interesse por línguas foi reforçado pela necessidade de deduzir os nomes de diferentes espécies a partir de listas elaboradas em quase 100 desses idiomas.

A partir de todos esses interesses surgiu o meu livro mais recente, um relato da evolução humana intitulado *O terceiro chimpanzé*. Em seu capítulo 14, chamado “Conquistadores acidentais”, procurei entender as consequências do encontro de europeus e nativos americanos. Depois de terminado o livro, percebi que outros encontros entre povos modernos, bem como pré-históricos, suscitavam indagações semelhantes. Vi que a questão tratada naquele capítulo 14 era, em essência, a

pergunta feita por Yali em 1972, apenas transferida para outra parte do mundo. Finalmente, com a ajuda de muitos amigos, tentarei satisfazer a curiosidade de Yali — e a minha própria.

OS CAPÍTULOS DESTE LIVRO foram divididos em quatro partes. A Parte 1, intitulada “Do Éden a Cajamarca”, é formada por três capítulos. O Capítulo 1 proporciona uma viagem rápida pela evolução humana e a história, desde que nos distinguimos dos gorilas, cerca de 7 milhões de anos atrás, até o fim da última Era Glacial, há aproximadamente 13.000 anos. Mostraremos como os ancestrais humanos se espalharam, a partir de suas origens na África, para outros continentes, de modo a entender o estágio do mundo pouco antes dos acontecimentos frequentemente sintetizados pela expressão “surgimento da civilização”. Ocorre que o desenvolvimento humano em alguns continentes começou bem antes do que em outros.

O Capítulo 2 nos prepara para examinar os efeitos históricos dos ambientes de cada continente nos últimos 13.000 anos, por meio de um breve exame das consequências históricas do ambiente de algumas ilhas durante um certo período de tempo. Quando os ancestrais dos polinésios se espalharam pelo Pacífico, cerca de 3.200 anos atrás, encontraram ilhas com ambientes muito diferentes. Em poucos milênios, aquela sociedade ancestral polinésia se espalhou por diversas ilhas, gerando várias sociedades diferentes, que iam de tribos de caçadores-coletores até protoimpérios. Essa sequência pode servir de modelo para processos mais longos, em maior escala e menos compreendidos, de reprodução de sociedades nos diferentes continentes, desde o fim da última Era Glacial até se tornarem tribos caçadoras-coletoras ou impérios.

O Capítulo 3 apresenta os confrontos entre os povos de diferentes continentes, ao reproduzir, por intermédio de testemunhas contemporâneas, relatos do mais dramático desses choques na história: a captura do último imperador independente dos incas, Atualpa, na presença de todo o seu exército, por Francisco Pizarro e seu pequeno bando de conquistadores, na cidade peruana de Cajamarca. Podemos identificar a cadeia de fatores que permitiu que Pizarro capturasse Atualpa, que se reproduziu nas conquistas europeias de outras sociedades nativas americanas. Esses fatores incluíram germes espanhóis, cavalos, cultura, organização política e tecnologia (especialmente navios e armas). Essa análise das causas próximas é a parte fácil deste livro; a difícil é identificar as causas originais que levaram a isso e ao desfecho real e não ao oposto, com Atualpa indo para Madri e capturando o rei Carlos I da Espanha.

A Parte 2, intitulada “O surgimento e a expansão da produção de alimentos” e constituída dos capítulos 4 a 10, é dedicada ao que acredito ser a mais importante constelação de causas fundamentais. O Capítulo 4 mostra como a produção de alimentos — isto é, a produção de comida por meio da agricultura ou da criação de gado, em vez da caça ou coleta de alimentos silvestres —, em última análise, gerou os fatores imediatos que permitiram o triunfo de Pizarro. Mas o surgimento da produção de alimentos variou bastante em todo o mundo. Como veremos no Capítulo 5, os povos de algumas regiões desenvolveram sozinhos sua produção de alimentos; outros foram aprendendo desde os tempos pré-históricos, enquanto outros nem desenvolveram nem adquiriram esse conhecimento, permanecendo caçadores-coletores até os tempos modernos. O Capítulo 6 examina os numerosos fatores que produziram a mudança do estilo de vida caçador-coletor para o produtor de comida em algumas áreas e não em outras.

Os Capítulos 7, 8 e 9 mostram como o cultivo de plantas e a domesticação de animais surgiram na pré-história, a partir de plantas e animais selvagens, graças a agricultores iniciantes e criadores que não tinham condições de perceber as possibilidades com que estavam efetivamente lidando. As diferenças geográficas em matéria de plantas e de animais selvagens disponíveis para domesticação percorrem um longo caminho para explicar por que apenas algumas áreas tornaram-se centros independentes de produção de alimentos e por que isso ocorreu mais cedo em algumas partes do mundo do que em outras. Desses poucos centros originais, a produção de alimentos espalhou-se muito mais rapidamente para algumas áreas do que para outras. Um dos principais fatores que contribuíram para a diferença nos ritmos de expansão foi a direção dos eixos continentais: predominantemente oeste-leste para a Eurásia e predominantemente norte-sul para as Américas e a África (Capítulo 10).

Assim, o Capítulo 3 mostra os fatores imediatos por trás da conquista europeia dos nativos americanos, e o Capítulo 4, a relação desses fatores com a produção de alimentos. Na Parte 3 (“Do alimento às armas, aos germes e ao aço”, capítulos 11 a 14), as conexões das causas originais com as causas imediatas são traçadas em detalhes, começando com a evolução dos germes característica das populações humanas densas (Capítulo 11). Muito mais nativos americanos e outros povos não eurásianos foram mortos pelos germes eurásianos do que por suas armas. Por outro lado, poucos (ou nenhum) germes letais esperavam os conquistadores europeus no Novo Mundo. Por que a troca de germes foi tão desigual? Os resultados dos mais recentes estudos de biologia molecular esclarecem a relação dos germes com o surgimento da produção de alimentos, muito mais na Eurásia do que nas Américas.

Outra cadeia de causas levou da produção de alimentos à escrita, possivelmente a mais importante invenção dos últimos milhares de anos (Capítulo 12). A escrita evoluiu apenas algumas poucas vezes na história humana, em áreas que haviam sido os primeiros locais de produção de alimentos de suas respectivas regiões. Todas as outras sociedades que se tornaram alfabetizadas o fizeram pela difusão de sistemas de escrita ou da ideia de escrever a partir de um daqueles centros primários. Por isso, para o estudante de história mundial, o fenômeno da escrita é particularmente útil para examinar outra importante constelação de causas: o efeito geográfico sobre a facilidade com que as ideias ou os inventos se difundiram.

O que influi na escrita também influi na tecnologia (Capítulo 13). Uma questão fundamental é que a inovação tecnológica depende tanto de uns raros inventores-gênios quanto de fatores culturais que desafiam a compreensão de padrões mundiais. De fato, veremos que, paradoxalmente, esse grande número de fatores culturais torna mais fácil, e não mais difícil, entender os padrões tecnológicos mundiais. Ao permitir que os agricultores obtivessem excedentes, a produção de alimentos tornou essas sociedades capazes de sustentar especialistas em tempo integral que não cultivavam sua própria comida e que desenvolveram as tecnologias.

Além de escribas e inventores, a produção de alimentos permitiu que os fazendeiros sustentassem políticos (Capítulo 14). Bandos nômades de caçadores-coletores são relativamente igualitários e sua esfera política fica confinada a seu próprio território e a alianças inconstantes com bandos vizinhos. Com o surgimento de populações produtoras de alimentos, densas e sedentárias, apareceram também os chefes, reis e burocratas. Essas burocracias eram essenciais não só para governar regiões grandes e populosas, mas também para manter exércitos, enviar navios em expedições e organizar guerras de conquista.

Na Parte 4 (“A volta ao mundo em cinco capítulos”, capítulos 15 a 19), são aplicadas as lições das Partes 2 e 3 para cada continente e algumas ilhas importantes. O Capítulo 15 examina a história da Austrália e da ilha de Nova Guiné, que antes formava com aquele país um único continente. O caso australiano — terra de sociedades humanas recentes com tecnologias muito simples, e o único continente onde a produção de comida não se desenvolveu entre os nativos — representa um teste decisivo para as teorias sobre as diferenças intercontinentais das sociedades humanas. Veremos por que os aborígenes australianos continuaram como caçadores-coletores, mesmo quando a maioria dos povos da vizinha Nova Guiné tornou-se produtora de alimentos.

Os capítulos 16 e 17 integram os acontecimentos da Austrália e da Nova Guiné em uma perspectiva de toda a região, abrangendo o leste da Ásia continental e as ilhas do Pacífico. O surgimento da produção de alimentos na China gerou vários grandes deslocamentos pré-históricos de populações humanas ou de traços culturais, ou ambos. Um desses movimentos, dentro da própria China, criou o fenômeno político-cultural chinês como conhecemos hoje. Outro resultou na substituição, através de praticamente todo o tropical sudeste da Ásia, de nativos caçadores-coletores por fazendeiros procedentes do sul da China. Um outro ainda, a expansão austronésia, substituiu de forma semelhante os nativos caçadores-coletores das Filipinas e da Indonésia, espalhando-os pelas mais remotas ilhas da Polinésia, mas foi incapaz de colonizar a Austrália e a Nova Guiné. Para o estudante de história mundial, todos esses confrontos entre os povos do leste da Ásia e do Pacífico são duplamente importantes: eles formaram os países onde vive um terço da população do mundo moderno vive e onde o poder econômico está cada vez mais concentrado; e fornecem modelos especialmente claros para a compreensão das histórias dos povos do resto do mundo.

No Capítulo 18, voltamos ao problema apresentado no Capítulo 3, os choques entre os europeus e os nativos americanos. Um resumo da história do Novo Mundo e do oeste eurasiático nos últimos 13.000 anos deixa claro que a conquista europeia das Américas foi simplesmente o ponto culminante de duas trajetórias históricas longas e distintas. As diferenças entre essas trajetórias foram evidenciadas pelas diferenças continentais na domesticação de animais e no cultivo de plantas, nos germes, nos períodos de povoação, na direção dos eixos continentais e nas barreiras ecológicas.

Finalmente, a história da África subsaariana (Capítulo 19) apresenta impressionantes semelhanças, bem como contrastes, com a história do Novo Mundo. Os mesmos fatores que moldaram os encontros dos europeus com os africanos estiveram presentes em seu relacionamento com os nativos americanos. Mas a África era diferente das Américas. Em consequência, a conquista europeia não criou uma ampla e duradoura colonização na África subsaariana, exceto no extremo sul. Mais significativa e duradoura foi uma mudança populacional em larga escala dentro da própria África: a expansão dos bantos. Ela foi impulsionada por muitas das mesmas causas verificadas em Cajamarca, no leste da Ásia, nas ilhas do Pacífico e na Austrália e Nova Guiné.

Não alimento ilusões de que esses capítulos tenham conseguido explicar as histórias de todos os continentes nos últimos 13.000 anos. Obviamente, isso seria impossível em um único livro, mesmo se soubéssemos todas as respostas, o

que não acontece. Na melhor das hipóteses, este livro identifica vários grupos de fatores ambientais que, acredito, fornecem uma boa parte da resposta à pergunta de Yali. O reconhecimento desses fatores enfatiza o resíduo inexplicado, cuja compreensão será uma tarefa futura.

O Epílogo, intitulado “O futuro da história humana como uma ciência”, aponta alguns aspectos desse resíduo, incluindo o problema das diferenças entre as várias partes da Eurásia, o papel dos fatores culturais não relacionados com o ambiente e o papel dos indivíduos. Talvez o maior dos problemas não solucionados seja definir a história humana como uma ciência histórica, no nível de ciências históricas reconhecidas, como a biologia da evolução, a geologia e a climatologia. O estudo da história humana apresenta dificuldades reais, mas essas ciências reconhecidas enfrentaram alguns dos mesmos desafios. Por isso, os métodos desenvolvidos em alguns desses outros campos podem também se mostrar úteis no campo da história humana.

Desde já, espero tê-lo convencido, leitor, de que a história não é “apenas um maldito fato depois do outro”, como afirmou um cínico. Existem realmente padrões amplos da história e a busca de sua explicação é tão produtiva quanto fascinante.